

## Miriam Inês: uma nova gravadora



A gravura é para Miriam um meio de contar um história. São sempre histórias cheias de um lirismo simples de cidade do interior. São as lembranças de quem nasceu em Goiás, e que teve seu primeiro contato com as artes na igreja de sua cidade, Trindade. Daí lhe fica uma impressão profunda, fácil de constatar em suas gravuras. Ou então são imagens onírica, algo fantásticos, que atraem Miriam e povoam sua de homens e bichos em situações estranhas, místicas. O misticismo das lendas do interior. É a autora quem nos diz que procura seguir a linha da gravura do nordeste, os "ex-votos", que tanto a impressionaram a primeira vez que os viu. No entanto, essa temática escolhida por Miriam, ou até certo ponto imposta pelas circunstâncias, não a tornam uma artista desprovida de um certo senso crítico ou de um vigor em dizer o que tem para dizer. Sua gravura tem qualidades que lhe permitem partir para uma outra maneira de dizer as coisas. Na opinião de Ivã Serpa, de quem é aluna, Miriam pode lançar-se a uma pesquisa mais ousada, para uma outra visão do mundo.

Ou mesmo, partir de uma visão do mundo para uma transformação (ou mesmo uma agressão) do mundo. Ivã não se propõe com isso a dar uma solução nem fazer uma crítica. Para ele, o problema consiste em reformular uma posição e adequá-la à época em que vivemos. "Porque todo artista tem que compreender sua época, já que só a partir daí é que é possível transformar. O problema é que eu não sinto na Miriam uma dimensão nova. Falta, principalmente, o elemento surpresa. Uma surpresa de linguagem que ela tem condições de alcançar. Ela é boa de talha, tem imaginação, mas está dentro das características de um país subdesenvolvido. É preciso acabar com isso, romper com tudo e alçar-se a uma arte mais pessoal e violenta". Mas Ivã é como Miriam diz: "Um bom mestre, que por isso mesmo dá liberdade ao aluno. Faz uma crítica severa, mas nos dá toda liberdade.

Principalmente, faz entender que a arte é uma coisa muito séria, que nós temos responsabilidades perante o público e conosco mesmo. "Por isso posso dizer que não concordo com certas críticas que ele faz. Pelo

Num tempo em que a pintura foge a todas as suas definições, e vive de cores e luzes das ruas, de formas agressivas, alguns gravadores brasileiros ainda conservam técnica e temática de artistas primitivos. Miriam Inês, com sua primeira exposição na Galeria Giro, é um deles. Sua gravura é um mergulho no passado, povoado de bichos e homens estranhos. Sua primeira preocupação é uma volta às

## RAÍZES



menos por enquanto, não pretendo tirar das minhas gravuras o que Ivã considera quase que um adorno. Se tirasse, cairia numa coisa funcional em que não pretendo cair. O que quero, é partir do que conheço, da gravura popular do nordeste, para chegar a uma coisa minha. É possível que, com o tempo, vá eliminando o supérfluo".

**UMA CRÍTICA** — Como se pode ver, alunas e mestre chegam num determinado momento, a um impasse. A uma atitude mais contemplativa de Miriam, Ivan propõe uma atitude mais agressiva, de "possuir" a realidade, para transformá-la. De se procurar um meio de expressão mais direto, com menos adornos, para chegar a comunicar o que se pretende mais objetivamente. Como ele diz, todos sentimos que o mundo está mudando. Então não podemos ficar presos a uma gravura expressionista. Temos que evoluir. E Ivan faz questão de ressaltar sempre que Miriam tem qualidades para isso. O que não é difícil de comprovar. Mas antes que tudo é preciso que a artista se disponha a

fazê-lo. A parte artesanal da gravura de Miriam é muito bem feita, mas ela pode avançar para uma maior atualização, na maneira de ver o mundo. Uma maneira de romper com certos esquemas, de conseguir um dinamismo maior, dar uma nova visão, seria abandonar a forma tradicional retangular, em que Miriam compõe quase todas suas gravuras. Seria abrir mais espaço, dando destaque às figuras centrais, que expressam a idéia que a artista pretende transmitir. Tomemos por exemplo uma das gravuras da mostra. São meninos brincando de roda, emoldurados por elementos que dão à gravura sua forma retangular, e que apenas compõe a obra. Que não trazem nenhum elemento crítico que permita uma outra interpretação do fato. Não acrescenta, enfim, nenhum sentido de novidade. O problema é pegar uma coisa tradicional e reelaborá-la, de maneira a torná-la algo único, que seja só do artista.